

As lutas contra opressão como propulsoras das epistemologias do Sul: pela promoção da justiça cognitiva

The struggles against oppression as driving the epistemologies of the South: for the promotion of cognitive justice

Flávia Ribeiro Amaro^a 

Resumo O artigo reflete sobre as formulações em torno das “epistemologias do Sul”, elaboradas pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. O objetivo é esclarecer os conceitos-chave de seu pensamento atual, tais como: “linha abissal”, “sociologia das ausências”, “sociologia das emergências”, “ecologia de saberes”, “tradução intercultural” e “artesanias das práticas”. O autor advoga a favor de uma “justiça cognitiva” e defende que, para alcançá-la é imprescindível que haja uma reformulação das perspectivas epistemológicas ocidentocêntricas, com vistas a incluir ontologias outras e outras formas de construção do conhecimento, não-extratvistas, anticapitalistas e antipatriarcais. Tal estratégia visa construir novas formas de se fazer ciência e contornar o epistemicídio levado a cabo pelo modelo convencional. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica nas últimas obras do autor publicadas no Brasil. Com destaque para as contribuições do livro, “O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do sul” (2022a).¹

Palavras-chave Artesanias das práticas. Ecologia de saberes. Tradução intercultural. Sociologia das ausências e das emergências. Epistemologias do sul.

Abstract *The article reflects about the formulations around the “southern epistemologies”, elaborated by sociologist Portuguese Boaventura de Sousa Santos. The objective is to clarify the key concepts of his current thinking, such as: “abyssal line”, “sociology of*

a Pós-doutoranda em ciência da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Email para contato: flavia.ramaro@gmail.com

1 Após a submissão deste artigo em 15 de fevereiro de 2023 e de seu aceite em 05 de março de 2023, Boaventura de Sousa Santos – objeto de estudos nesta pesquisa – foi acusado de assédio sexual e moral por algumas de suas ex-alunas do Centro de Estudos Sociais (CES) de Coimbra, Portugal e afastado do cargo. O assunto repercutiu fortemente na academia e na mídia, de modo que o autor foi prontamente cancelado pela opinião pública. Diante do ocorrido, optamos por manter esta publicação. Contudo, uma indagação se faz eminente: é possível desvincular a conduta do autor do valor de sua obra? O trabalho de Santos cairá no ostracismo ou poderemos continuar refletindo a partir de suas categorias de análise?

absences”, “sociology of emergencies”, “ecology of knowledge”, “intercultural translation” and “artesian of practices”. The author advocates for a “cognitive justice” and argues that, to achieve it, it is essential that there be a reformulation of westernocentric epistemological perspectives, with a view to including other ontologies and other forms of knowledge construction, non-extractivists, anticapitalisms and antipatriarchal. This strategy aims to build new ways of doing science and circumventing the epistemicide carried out by the conventional model. To this end, a literature review was carried out on the author’s last works published in Brazil. With emphasis on the contributions of the book, “The end of the cognitive empire: The affirmation of southern epistemologies” (2022a).

Keywords *Artesian of practices. Ecology of knowledge. Intercultural translation. Sociology of absences and emergencies. Southern epistemologies.*

INTRODUÇÃO

As “epistemologias do Sul” foram formuladas pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que foi quem propôs o uso do termo para se referir às categorias, conceitos, práticas metodologias e ideias transgressoras das ciências duras convencionais, desenvolvidas por intelectuais e correntes de pensamento que se encontram fora do eixo Europa-Estados Unidos. Elas surgem a partir dos anos 2000, com as experiências e trocas articulados pelo pensador no Fórum Social Mundial.²

Para refletir sobre as bases epistemológicas³ das epistemologias do Sul, o autor propôs alguns conceitos-chave, tais como: “linha abissal”, “sociologia das ausências”, “sociologia das emergências”, “ecologia de saberes”, “tradução intercultural” e “artesanaria das práticas”. O objetivo deste artigo é esmiuçar o significado de cada um desses conceitos e categorias, explicitando suas respectivas funções para a composição das chamadas epistemologias do Sul.

Se existe algo que caracteriza instantaneamente as epistemologias do Sul é sua incessante diligência por se posicionar crítica e proativamente diante das lutas contra a dominação e a opressão, experimentadas de maneira *sui generis* pelos povos do hemisfério sul. Apesar de adotar essa terminologia, que aparentemente destaca o seu *locus* geográfico – o hemisfério Sul – elas não necessariamente se

2 O Fórum Social Mundial foi realizado em janeiro de 2001, no Brasil, na cidade de Porto Alegre, no estado Rio Grande do Sul.

3 De acordo com Santos (2022a), “[...] a epistemologia tem a ver com a análise das condições de produção e identificação do conhecimento válido, bem como da crença justificada. Possui, por conseguinte, uma dimensão normativa.” (p. 18-19)

opõem às “epistemologias do Norte”.⁴ Haja visto que, o autor defende um posicionamento intercultural, que visa absorver o que existe de aproveitável no pensamento abissal, sem deixar de considerar a crítica à arbitrariedade de um conhecimento que se forjou hegemônico ao atribuir ao norte global o domínio imperial do mundo desde a época moderna até os dias hodiernos. O objetivo é romper com essas hierarquias dicotômicas do poder, do saber e do ser, que separam o hemisfério Norte do hemisfério Sul.

Desse modo, têm-se que, “[...] o Sul das epistemologias do Sul é o Sul anti-imperial, o Sul não geográfico composto pelas lutas de inúmeras populações do sul e do norte geográficos contra o domínio do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.” (SANTOS, 2022a, p. 180)

De acordo com Santos (2022a), os processos de opressão aparecem atrelados à injustiça cognitiva. E, defende que não será possível alcançar a justiça social sem garantir a observância à justiça cognitiva. Nesse sentido, aborda a relevância da questão das lutas contra a opressão, tidas como impulsionadoras das mudanças de paradigmas. O que envolve a formulação de alternativas epistemológicas, que resultam em temáticas, objetos e práticas inovadoras de pesquisa, que visam, sobretudo, a implementação de transformações socio-culturais-epistêmicas emancipatórias. Destarte, as epistemologias do Sul ressaltam a necessidade de uma revisão dos parâmetros convencionalmente aceitos de produção do conhecimento científico. Pois, tal como coloca o autor, “[...] necessitamos efetivamente de um pensamento alternativo de alternativas.” (SANTOS, 2022a, p. 24)

O artigo está dividido em cinco seções, em que cada uma se destina a apresentar e discutir os pressupostos do pensamento de Boaventura de Sousa Santos acerca das epistemologias do Sul.

CONCEITOS-CHAVE DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

O termo “epistemologias do Sul”, cunhado por Boaventura de Sousa Santos, procura denotar um conjunto de problemas, teorias, conceitos, metodologias e categorias de pensamento, que pretendem se apresentar como uma alternativa

4 Com relação às epistemologias do Norte, vale ressaltar que, conforme expõe Santos (2022a), “Tal como no caso das epistemologias do Sul, não existe uma epistemologia do Norte única – existem várias, embora alguns dos seus pressupostos básicos sejam, regra geral, os mesmos: prioridade absoluta dada à ciência como conhecimento rigoroso: rigor, entendido como determinação; universalismo, entendido como sendo uma especificidade da modernidade ocidental [...]; verdade, entendida como a representação do real; uma distinção entre sujeito e objeto, o que conhece e o que é conhecido; a natureza enquanto *res extensa*; a temporalidade linear; o progresso da ciência por via das disciplinas e da especialização; a neutralidade social e política como condição de objetividade.” (p. 24)

viável para a confronto do modelo científico racional moderno operante por séculos. O embate entre as epistemologias do Sul e as epistemologias do Norte resultam na dualidade entre o “conhecimento-regulação” e o “conhecimento-emancipação”, entre a globalização hegemônica do neoliberalismo e a globalização contra-hegemônica dos movimentos sociais.

Ao contrário da universalidade abstrata do conhecimento, as epistemologias do Sul visam propiciar uma pluriversidade. O autor identifica um processo de crise epistêmica,⁵ que por sua vez, evidencia a demanda por uma revisão dos pressupostos básicos que envolvem o processo da pesquisa científica e que, por sua vez, seja capaz de incluir tanto as concepções dominantes quanto as historicamente marginalizadas.

De acordo com o autor, “As epistemologias do Sul não têm como objetivo substituir as epistemologias do Norte nem colocar o Sul no lugar do Norte. O objetivo é ultrapassar a dicotomia hierárquica entre Norte e Sul.” (SANTOS, 2022a, p. 26)

As categorias e os conceitos-chave do pensamento de Santos pleiteiam o desenvolvimento de uma nova racionalidade, cujo objetivo último é garantir a “justiça cognitiva”. Suas contribuições teórico-metodológicas postulam, assim, um novo referencial epistemológico, que ao invés de propor novas teorias revolucionárias, pretende revolucionar as próprias teorias já existentes. Trata-se da proposta de construção de um conhecimento plural, intercultural e decolonial impulsionado pelas constantes lutas contra a opressão.

LINHA ABISSAL

A noção de linha abissal é uma premissa moderna, oriunda das epistemologias do Norte. Trata-se de uma demarcação simbólica, que distingue os povos do hemisfério Sul dos povos do hemisférios Norte, ao passo que, os polariza em hierarquias sociais. Ela separa aqueles que estão de um lado da linha, daqueles que estão do outro lado dessa linha abissal.

Segundo o autor, ela “Marca a divisão radical entre formas de sociabilidade metropolitana e formas de sociabilidade colonial que caracterizou o mundo ocidental moderno desde o século XV.” (SANTOS, 2022a, p. 43) Mas que, no entanto, não se extinguiu com o fim do colonialismo histórico.

Tal divisão, acaba por imputar o desaparecimento daqueles que se encontram do outro lado da linha abissal, ou seja, do lado colonial – em razão de invisibili-

5 A percepção dessa “crise epistêmica” é advinda da constatação de que as ciências racionais modernas são incapazes de continuarem fornecendo as respostas para as questões fundamentais que movem os sujeitos em suas vidas cotidianas. O controle dos riscos e a previsão de suas determinações não são mais garantidas.

zarem as suas existências ao encará-los como “sub-humanos”. (SANTOS, 2022b) O que corrobora para a inviabilização da coexistência judiciosa entre ambos, não se é possível coabitar os dois lados da linha. A linha abissal e seu correlato pensamento abissal esmeram-se em tornar a realidade do outro irrelevante, invisível, inexistente. A inexistência, por esse ângulo, significa o não reconhecimento do conhecimento produzido pelo outro como legítimo. (SANTOS, 2007)

Os povos do hemisfério Sul, historicamente – ou seja, no “tempo linear”,⁶ foram impedidos de representarem o mundo em seus próprios termos, em função de um processo de colonialidade⁷ do saber, do poder e do ser, que não findou com o término do colonialismo, haja visto que, perdura, ainda que tenha mudado seus contornos. A linha abissal está tão arraigada nas mentalidades, ao ponto de estar subjacente ao pensamento do senso comum, que inadvertida e irrefletidamente a reproduz. Dado que, durante séculos somente o ponto de vista do colonizador foi considerado válido e todo o resto se encontrava subjugado. Diante dessa constatação da primazia do pensamento abissal em detrimento do não-abissal é que surge a proposta do pensamento pós-abissal.

A identificação da linha abissal implica na comprovação de que existem diferentes tipos de exclusões abissais em voga, e que, é necessário lançar luzes para essas questões que perpassam o tempo histórico sem se extinguirem, mudando apenas a sua roupagem e incluindo novos atores entre os oprimidos. Para o sociólogo, “A identificação da existência da linha abissal é o impulso fundador das epistemologias do Sul e da descolonização do conhecimento.” (SANTOS, 2022a, p. 28)

Tendo em consideração que a descolonização demanda a imputação dessa linha abissal em prol do reconhecimento das humanidades outrora taxadas de sub-humanas, invisibilizadas, oprimidas e silenciadas.

SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS

A “sociologia das ausências” apresenta-se como uma espécie de cartografia da linha abissal, uma vez que, trata dos modos como o colonialismo do poder, do conhecimento e do ser alinharam-se ao projeto ocidentocêntrico, colonialista, capitalista e patriarcal, com o intuito de produzir exclusões abissais.

6 Para o autor, o tempo linear, “[...] é uma concepção particular do tempo, entendido como algo que se move em uma única direção, de duração cumulativa e de sequência irreversível.” (SANTOS, 2022b, p.77)

7 O sociólogo peruano Aníbal Quijano formulou a noção de “colonialidade”, que se tornou o marco fundamental do paradigma decolonial.

Tais exclusões abissais resultaram em uma dificuldade e indisponibilidade de as epistemologias do Norte aceitarem o outro, com suas ontologias peculiares, com os seus modos de vida diferentes – elas forjaram vítimas a partir de sua pretensa superioridade e autoridade hegemônica.

Reflete sobre os efeitos nocivos dos dispositivos de invisibilização e silenciamento de sociedades que se encontram fora do eixo Europa- Estados Unidos, levados à cabo pela lógica racional moderna. O autor parte de uma crítica ao que ele chama de “razão indolente”.

O objetivo da sociologia das ausências é, transformar sujeitos ausentes (invisibilizados e silenciados) em sujeitos presentes, como condição indispensável para o reconhecimento e a validação de conhecimentos subalternizados, mas que, no entanto, podem corroborar para a reinvenção das lutas por emancipação e libertação de povos historicamente oprimidos e descredibilizados.

Parte da iniciativa de promover o resgate de saberes suprimidos, silenciados e marginalizados pelo sistema mundo ocidentocêntrico, ainda que isso implique uma revisão dos próprios parâmetros estabelecidos pela sociologia. Dado que, “A sociologia das ausências é uma sociologia transgressora numa acepção muito radical.” (SANTOS, 2022a, p. 50)

Trata-se de uma sociologia voltada à denúncia e à crítica acerca dos processos de exclusão abissal. Sua acepção sobreleva os aspectos negativos em detrimento dos aspectos positivos envolvidos.

SOCIOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS

A “sociologia das emergências” postulam uma visão mais positiva acerca das exclusões abissais, pois implica na valorização “simbólica, analítica e política” (SANTOS, 2022a, p. 53) de formas de ser, saber e poder, oriundas de grupos socioculturais invisibilizados e silenciados por aqueles que se encontram do outro lado da linha abissal, isto é os atores e instituições tradicional e potencialmente opressores.

Na percepção do autor, o resgate e a valorização de ontologias outras, que não as exclusivamente ocidentocêntricas, correspondem à “[...] um gesto eminentemente político” (SANTOS, 2022a, p. 19) Uma vez que, elas permitem que os sujeitos subalternizados saiam da condição de vítimas e se engajem nas lutas e resistências político- epistêmicas, porquanto, deslegitimam mecanismos arraigados de opressão.

Desse modo, a sociologia das emergências busca viabilizar novas potencialidades, corroborando para a construção de alternativas viáveis de serem executadas,

por intelectuais e leigos, visando o rompimento com a lógica capitalista, patriarcal e colonial. Suas formulações são elaboradas a partir da experiência concreta de sujeitos particulares e suas respectivas ontologias, que outrora descartadas, agora são revistas e ressignificadas. Assim, investiga alternativas para um horizonte de possibilidades exequíveis, corresponde às expectativas para um futuro liberto das amarras da opressão.

Destarte, outras formas de construção do conhecimento, práticas materiais e simbólicas – individuais e coletivas – entram em cena, passando a ser reconhecidas e valorizadas como fontes profícuas de construção do conhecimento. Trata-se de articulações emergentes, potencialmente eficazes, de tendências que ainda não foram efetivadas e que se encontram acolhidas no terreno da utopia.

A sociologia das emergências pauta-se pela esperança e esmera-se em transmutar a realidade hostil das exclusões abissais em um “[...] vasto campo de experiência social intensa, rica e inovadora.” (SANTOS, 2022a, p. 54), apegando-se à “[...] positividade e criatividade que emergem dos conhecimentos nascidos na luta contra a dominação e na forma como se traduzem em formas alternativas de conhecer e praticar a autodeterminação.” (SANTOS, 2022b, p. 19)

Ela possui uma dimensão ética implicada, que a difere terminantemente das ciências sociológicas convencionais. Nela, a dimensão subjetiva é observada, a experiência considerada e o inconformismo latente conferem a tônica da projeção para o futuro. A sociologia das emergências se move no campo das “expectativas sociais” (SANTOS, 2002, p.257)

ECOLOGIA DE SABERES

Diante da “diversidade epistemológica do mundo”⁸ como o pesquisador de ciências humanas da atualidade deve interpelar o seu objeto de estudos, de modo a transgredir os parâmetros epistemológicos que se convencionaram como exclusivamente válidos pelo modelo ocidentocêntrico? Essa é uma questão fundamental, que a obra de Santos procura responder.

A “ecologia de saberes” corresponde à uma ferramenta teórico-metodológica, capaz de operar a diversidade epistemológica do mundo com critérios de rigor diferentes do da razão convencional – ao passo que, apreende objetos de estudo para a “sociologia das ausências” e para a “sociologia das emergências”, aliando-os à perspectiva da “tradução intercultural”.

8 Termo extraído do texto, “Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes” (2006), escrito por Boaventura de Sousa Santos em parceria com Maria Paula G. Meneses e João Arriscado Nunes.

Parte da constatação do “epistemicídio”⁹ promovido pela tradição moderna ocidentalocêntrica, responsável por descredibilizar, subalternizar e invisibilizar outras formas de construção do conhecimento, que não estivessem alinhadas com a lógica técnico-científica racional moderna, de caráter colonialista, capitalista, patriarcal e cristão.

A ecologia de saberes almeja substituir a pretensa universalidade e hegemonia do conhecimento produzido pelas epistemologias do Norte. Trata-se da proposição de um modelo horizontal e inclusivo, caracterizado por colocar em coexistência saberes múltiplos e diversos, tanto científicos quanto não-científicos, racionais e não-racionais, administrando pluralismos, combinações, misturas e hibridizações e conferindo destaque para os problemas que emergem das lutas contra a opressão socio político econômico cultural e epistêmica.

Assim, os conhecimentos produzidos pelas epistemologias do Norte não carecem de ser necessariamente rejeitados, pois eles são igualmente preciosos, na medida em que puderem ser aproveitados, isto é, caso sejam úteis para as lutas contra a opressão. Dentre suas diversas fontes de investigação estão os conhecimentos orais e escritos, os teóricos e os empíricos. Pois, ela amplia as fontes e o escopo da investigação, experiência¹⁰ e teoria compartilham do mesmo estatuto de legitimidade científica. Assim, ela nutre-se de construções cognitivas coletivas, posto que a autoridade da produção do conhecimento é partilhada.

A ecologia de saberes resulta em um mecanismo capacitador da inteligibilidade para contextos ampliados de dominação e exclusão, à proporção que reflete sobre os consensos e os dissensos, as convergências e as contradições que existem entre Norte e Sul, bem como ao configurarem formas de resistência e atuarem no sentido da proposição de alternativas, permitindo, dessa maneira, que articulações abrangentes, complexas e profundas entre processos de lutas e de construção de conhecimentos sejam potencializados.

TRADUÇÃO INTERCULTURAL

A concepção de “tradução intercultural” não se restringe a um exercício intelectual apartado das lutas sociais e políticas contra os processos de dominação e opressão. Seu principal objetivo é abstrair as potencialidades da diversidade

9 O epistemicídio massivo produzido pelas epistemologias do norte se caracteriza por promover a, “[...] destruição de uma imensa variedade de saberes que prevaleceram sobretudo no outro lado da linha abissal – nas sociedades e sociabilidades coloniais.” (SANTOS, 2022a, p. 27)

10 Nas palavras do autor, “Como gesto vivo, a experiência reúne como um todo tudo aquilo que a ciência divide, seja o corpo e a alma, a razão e o sentimento, as ideias e as emoções.” (SANTOS, 2022a, p. 125)

epistemológica do mundo em favor da emancipação social e cognitiva dos povos tradicionalmente oprimidos e invisibilizados.

A tradução intercultural pressupõe a diferença cultural, atua como ponte entre as experiências do mundo disponíveis e as possíveis. O que quer dizer que, ela concebe tanto a sociologia das ausências quanto a sociologia das emergências, em virtude de seu escopo de atuação girar em torno da tradição e da inovação, da realidade e da utopia. Dado que, ela oportuniza tanto a diligência intelectual quanto a política.

Na medida em que, visa garantir a inteligibilidade recíproca entre Norte e Sul, sem dissolver as identidades, tampouco comprometer a pluralidade de possibilidades que se evidencia na contemporaneidade, ou seja, a diversidade epistemológica do mundo. Seu objetivo é discernir alternativas de conexão, detectar convergências e contradições, apontar para consensos e contradições, garantindo a transmissibilidade do conhecimento.

Se destaca por empenhar-se em propiciar a articulação entre diferentes movimentos sociais e suas respectivas causas e pautas de discussão contra- hegemônicas. Em que o trabalho cognitivo coletivo é voltado à crítica e à transformação das situações de opressão.

Santos (2022a) distingue dois tipos de tradução intercultural: a difusa e a didática. A difusa é mais recorrente e ocorre informalmente como uma dimensão do trabalho cognitivo coletivo. Já a didática combina recursos orais e escritos, bem como parte de atores tanto individuais quanto coletivos. Segundo o autor,

[...] ao converter gradualmente conjuntos de diferenças e distância em conjuntos de semelhanças e proximidade, a tradução configura um ato de intermediação que permite tornar o estranho familiar, o distante próximo e o alóctone comum. (SANTOS, 2022a, p. 125)

Sua motivação deriva das lutas por emancipação. O objetivo central da tradução intercultural é fomentar a justiça cognitiva por meio da imaginação epistemológica, transgressora e propositiva de alternativas exequíveis.

ARTESANIA DAS PRÁTICAS

As epistemologias do sul têm como mote a compleição da artesanania das práticas. Ela corresponde à validação das práticas de lutas e resistências contra a opressão e em prol de transformações emancipatórias, levadas à cabo pelos povos que se encontram do outro lado da linha abissal, pois ela intermedeia tanto as exclusões

abissais quanto as não-abissais. Na compreensão do autor elas podem ser de três tipos:

(1) a articulação entre diferentes lutas que resistem, todas elas, contra exclusões abissais; (2) a articulação entre diferentes lutas que resistem, todas elas, contra exclusões não-abissais; (3) a articulação entre lutas contra exclusões abissais e lutas contra exclusões não-abissais. (SANTOS, 2022a, p. 62)

Assim, têm-se que ela é responsável por acionar, igualmente, os conhecimentos científicos e não-científicos, isto é, os “[...] saberes práticos, empíricos, populares, conhecimentos vernáculos que são muito diversos, mas que têm uma característica comum: não foram produzidos em separada de outras práticas sociais.” (SANTOS, 2022a, p. 73)

A artesanania das práticas compreende novas temáticas e novos arranjos teórico-metodológicos engajados numa *práxis* ativa de transformação social.

AS LUTAS CONTRA OPRESSÃO E A BUSCA PELA JUSTIÇA COGNITIVA

As lutas contra opressão aparecem como propulsoras das epistemologias do sul, na medida em que, elas reivindicam a justiça cognitiva e, assim, inspiram a elaboração de estratégias teórico-metodológicas e engajadas desconstruídas, capazes de fazer frente às arbitrariedades impostas pelas epistemologias do Norte.

Elas propiciam o desenvolvimento de um tipo de pensamento que, “[...] promove a descolonização potenciadora de pluralismos articulados e formas de hibridização libertas do impulso colonizador” (SANTOS, 2022a, p. 26-27), o que só é possível, segundo a apreciação do autor, a partir da tradução intercultural, intrinsecamente relacionada às epistemologias do Sul.

As lutas contra a opressão da atualidade são caracterizadas por vincularem as propostas do “conhecimento-emancipação” às suas causas motrizes, cuja enunciação implica no alcance da solidariedade, o que não se testemunhava nas sociedades coloniais.

Na concepção do sociólogo, tais lutas se dispuseram contra essas arbitrariedades, na medida em que, elas

[...] deram forma a propostas que ampliaram significativamente a agenda política de alguns países, contribuindo assim para revelar novas facetas da diversidade da experiência social, política e cultural do mundo, bem como novos repertórios de emancipação social. (SANTOS, 2022a, p. 29)

Alguns exemplos mencionados pelo autor são a noção andina de *Pachamama*¹¹ – inscrita no passado pré-colonial do hemisfério Sul, como expressão de grupos sociais oprimidos, que designa um tipo de entendimento diferente do pensamento cartesiano convencional. Nessa concepção, os direitos da natureza e os direitos humanos são encarados de maneira equitativa, compartilhando do mesmo estatuto constitucional – e, o conceito quéchua de *chachawarmi*, que designa uma compreensão igualitária entre os sexos. Tal noção tornou-se fundamental para as lutas de libertação de mulheres indígenas de alguns países latino-americanos. (SANTOS, 2022a)

Comenta, também, acerca da noção andina de “corazonar”, proposta pelo cientista social equatoriano Patricio Guerrero Arias, a partir de sua investigação de campo entre o povo *Kitu Kara*, que vivem no entorno da cidade de Quito, capital do Equador. O conceito de “corazonar” corresponde ao, “[...] ato de construir pontes entre emoções/afetos, por um lado, e conhecimentos/razões, por outro.” (SANTOS, 2022a, p. 154) No seu entendimento, uma vez com a razão “corazonada”, o sujeito encontra a determinação irredutível para prosseguir na luta.

Em suma, concebe-se que as lutas contra a opressão precisam ser constantemente reinventadas, que elas consideram tanto as exclusões abissais quanto as não abissais e promovem uma diversificação dos repertórios utópicos – por um outro mundo possível, mais justo e mais inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formulações teórico-metodológicas de Santos são impulsionadas pela demanda de uma recorrente interpretação do mundo e assim, promovem uma reinvenção das epistemologias científicas, com vistas a incorporarem a premissa intercultural e a diligência por fazer frente às situações de opressão, comprometendo-se com reivindicações por transformações sociais.

Suas proposições epistemológicas corroboram para o aprimoramento do paradigma decolonial, na medida em que se propõe a encontrar alternativas capazes de decolonizar o pensamento abissal.

A principal tarefa para as epistemologias do Sul é avaliar a razoabilidade e a adequabilidade da diversidade epistemológica do mundo e optar por arranjos

11 O pesquisador explicita o significado do termo quando diz que, “Numa tradução aproximada, *pachamama* é a mãe terra, uma entidade viva que compreende tanto os seres humanos como os seres não-humanos. O respeito pelos seus ciclos vitais é condição para a sustentabilidade de todo o resto que existe na terra.” (SANTOS, 2022a, p.340)

teórico-metodológicos e práticos capazes de acionar conhecimentos comprometidos com as lutas por emancipação sociocultural e cognitiva.

Trata-se de uma opção epistemológica que refuta a lógica exclusivista da ciência moderna abissal e se pauta pelo conhecimento pluriversal e artesanal, bem como se dedica a converter o conhecimento científico abissal em conhecimento pós-abissal, a fim de articular a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e a tradução intercultural numa ecologia de saberes, que associada à uma artesanania das práticas busca emancipar sujeitos e grupos sociais das agruras da opressão e garantir a justiça cognitiva.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Boaventura de Sousa (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, p. 237-289. https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF (acesso em 14/02/ 2023).
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G.; NUNES, João Arriscado (2006). Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes. *Hiléia-Revista de Direito Ambiental da Amazônia*, Manaus, ano 4, n. 6, p. 11-103. <https://pos.uea.edu.br/data/direitoambiental/hileia/2006/6.pdf> (acesso em 12/02/2023).
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 79. p. 71-94 <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc> (acesso em 10/02/ 2023).
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2022a). *O fim do império cognitivo: A afirmação das Epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2022b). *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Belo Horizonte: Editora Autêntica; São Paulo: Editora Boitempo.